



<
Patrice Chéreau,
fot. Ros Ribas;
Sasha Waltz;
Krzysztof Waklikowski,
fot. Nontas Styliandis.

Patrice Chéreau

Prémio Europa para o Teatro 2008

Maria Helena Seródio

Em ambiente festivo e com uma plateia internacional de ampla representação – institucional, artística e crítica –, o Prémio Europa para o Teatro na sua 12.ª edição despediu-se este ano de Tessalónica, na Grécia, por onde se quedou em duas edições, prevendo-se que regresses em 2009 a Taormina, na Sicília, onde, de resto, iniciou o seu percurso em 1987 distinguindo Ariane Mnouchkine.

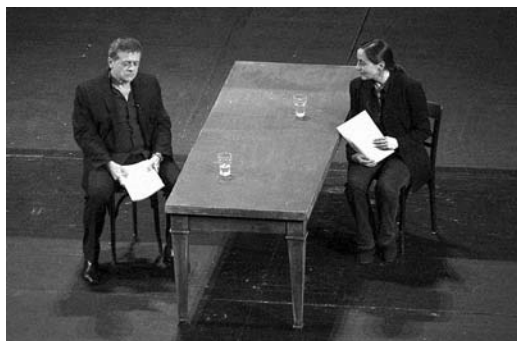
Coube ao encenador, actor e cineasta francês Patrice Chéreau receber este ano o galardão, vindo a ser lembrado no colóquio (que ocupou duas tardes e uma manhã) a sua já longa – e aplaudida – carreira artística que, no campo do teatro, passou pela direcção do Piccolo Teatro di Milano, do Théâtre de Villeurbanne (com Roger Planchon entre 1972 e 1981) e, a partir de 1982, do Théâtre des Amandiers, em Nanterre. A ele se deveu a revelação maior da dramaturgia de Bernard-Marie Koltès electivamente ligada à estética que veio a definir como sua. O que, porém, de mais curioso resultou das conversas havidas e dos espectáculos, que pudemos ver, foi a bipolaridade de quem se reparte hoje pela encenação de ópera – de grande projecção e que mobiliza importantes recursos artísticos e tecnológicos – e a opção pela "leitura" de peças em cena que dispensa cenários ou figurinos específicos, que quase prescindem do movimento (os actores estão na maior parte do tempo sentados), e que envolve os actores na "humilde" situação de terem na mão o texto que lêem, recusando, como afirmava, "o narcisismo de se exibirem em cena". Se, como concluía, a leitura ultrapassa a "promessa de teatro" para se bastar a si própria, é ainda importante assinalar que ela corresponde ao traço mais subtil de

desenhar silhuetas, captar a intimidade de uma arte no movimento de se fazer, demonstrando, afinal, que "menos é mais".

Estas duas facetas ficaram bem patentes em duas das suas encenações que se mostraram no Teatro Vassiliko: a da ópera *Da casa dos mortos*, com libreto e música do compositor checo Leos Janáček filmada por Stéphane Metge (em ante-estreia mundial), e a leitura do texto de Marguerite Duras *A dor (La douleur)* em que "contracenava" com a actriz Dominique Blanc. No primeiro caso, o texto dostoiévskiano que o inspirava – *Memórias da casa dos mortos* – representava uma descida ao inferno do sofrimento e da humilhação que o grandioso (mas austero) cenário de Richard Peduzzi bem evocava, e onde a interpretação dos cantores era impressionante e comovente não apenas pelo número das figuras em cena, mas pelo acerto de uma brilhante direcção de cantores/actores. A música poderosa, sob a direcção de Pierre Boulez, bem como toda a movimentação cénica sinalizavam a opressiva condição dos prisioneiros numa fortíssima imagem de desnudamento sacrificial da figura humana. Quanto à leitura – de uma tocante simplicidade – recordava um momento de grande ansiedade e aflição de uma mulher que, em Paris no final da segunda Guerra Mundial, esperava a libertação do marido – que sabia estar num campo de concentração nazi –, sem saber se, quando e como chegaria. O relato, dramaturgicamente elaborado para permitir as duas vozes, era repassado de angústia, com a alegria do fim da guerra a misturar-se com o sofrimento físico e moral da desocultação de uma impensável crueldade humana.

<

A dor,
de Marguerite Duras,
enc. Thierry Thieu Niang,
2008 (Patrice Chéreau
e Dominique Blanc),
fot. Nontas Styliandis.



As bacantes,
de Eurípedes,
enc. Tasos Ratzos.

>

<

Hamlet,
de Shakespeare, enc.
Oskaras Korsunovas, OKT/
Cidade de Vilnius
(espectáculo em
preparação).



>

Cleansed,
de Sarah Kane,
enc. Krzysztof Warlikowski,
Wroclawski Teatr
Współczesny,
fot. Anna Los.

Distinguidos com o Prémio Europa "Novas realidades teatrais" foram a companhia suíça Rimini Protokoll (Helgard Haug, Stefan Kaegi e Daniel Wetzel), a coreógrafa alemã Sasha Waltz e o encenador polaco Krzysztof Warlikowski. Coube ainda um prémio especial a uma companhia da Bielorrússia – Belarus Free Theatre – por proposta de Vaclav Havel, secundado por Harold Pinter e Tom Stoppard, destacando o que se apresentava como uma posição de protesto contra a situação política do seu país, mas que, do ponto de vista da sua prática artística, se revelava de uma grande debilidade.

No caso da companhia suíça – que esteve em Abril do ano passado em Lisboa, na Culturgest, com *Mnemopark: Um mundo de comboio em miniatura* – a novidade da sua opção por uma "tendência realidade" leva a criarem espectáculos em torno de experiências humanas concretas e de recorrerem não a actores mas a "especialistas" que mostram ou falam dessas suas vivências. Pode ser uma pessoa que foi exposta a uma intervenção cirúrgica como o implante de um coração artificial, quatro senhoras de 80 anos que recordam o seu passado, os que são colecionadores ou artífices de miniaturas, um professor de filosofia que investiga e ensina *O capital* de Karl Marx, ou quem passou por uma experiência de guerra (no Vietname, por exemplo) e é agora activista pela paz. A dramaturgia vai sendo construída a partir de declarações ou relatos dos intervenientes até se chegar a um texto fixo, embora integre soluções para eventuais "brancas" por parte desses "especialistas do real". O interesse pelas vivências das pessoas comuns e o modo como trabalham os textos dramáticos levaram a crítica a designar o seu trabalho de texto como sendo o de uma "dramaturgia da solicitude".

Jardim dos prazeres terrenos (*Garden of earthly Delights*) foi o filme de Brigitte Kramer que revelava alguns breves apontamentos biográficos de Sasha Waltz, bem como a evolução do seu trabalho entre 1992 e 2007, passando por dois dos seus mais admiráveis espectáculos que já pudemos ver em Lisboa: *Allee der Kosmonauten*, que esteve em 1997 no Grande Auditório da Gulbenkian



no âmbito da 11.ª edição dos Encontros ACARTE, e *Dido e Eneias* que, em Março de 2007, se apresentou no Grande Auditório do Centro Cultural de Belém.

Do polaco Warlikowski – que também esteve em Portugal, em Maio de 2007, no Grande Auditório do CCB com o espectáculo *Krum*, sobre texto de Hanokh Levin – vimos uma perturbadora encenação de *Purificados* (*Cleansed*), de Sarah Kane, com a companhia Wroclawski Teatr Współczesny. Partindo de um cenário (de Malgorzata Szczesniak) de enorme abertura no espaço – pontuado por poucos elementos, de que se destacava, ao fundo, uma parede com chuveiros e, ao centro, uma cama metálica e alguns instrumentos de ginásio – o espectáculo contava com um admirável trabalho de actores e era marcado por uma poderosa iluminação (de Felice Ross) que emprestava tonalidades cromáticas de espessa significação à cena, criando imagens de grande impacto visual. Em termos de texto, parecia registar-se a inserção de breves passagens de *4.48 Psicose*, e, em termos de registo de interpretações, havia uma pendular oscilação entre a violência, o medo, a desorientação e uma profunda tristeza. Esta vinha sobretudo da extraordinária voz da actriz e cantora alemã Renate Jett que integra a companhia de Warlikowski há já alguns anos.

Dois outros espectáculos que se apresentaram em Tessalonica por ocasião desta edição do Prémio Europa merecem destaque: o trabalho em curso para uma encenação de *Hamlet* por Korsunovas (com dois ou três apontamentos interessantes, como o velho Hamlet a aparecer numa urna aberta e, de repente, a levantar-se para agarrar o filho) e uma revisitação às *Bacantes* de Eurípedes encenada pelo grego Tasos Ratzos com um colorido local vagamente remanescente da atmosfera de *Zorba, o grego*. Tratava-se, aliás, de dar conta da tradição popular de uma aldeia da Trácia (grega) onde, de três em três anos, a população reencena o mito das Bacantes, curiosamente retirando da figura de Dioniso o seu aspecto mais sinistro para o figurar como encarnação de uma plenitude dos sentidos.